

Quem controla não ensina a viver com autonomia



Para que os filhos tenham a chance de aproveitar bem a escola que freqüentam, pelo menos uma condição fundamental da parte dos pais há: que eles depositem confiança na escola e deleguem a ela o exercício de sua função. Não é o que tem acontecido com muitos pais, que andam desconfiados ao extremo em relação ao que acontece no espaço escolar, e isso se expressa de várias formas. Uma delas é a idéia de que é na escola que os filhos aprendem tudo o que há de errado ou de bobagem.

O filho pequeno chegou em casa falando um palavrão? O filho um pouco maior conta que viu uma revista com mulher pelada com um amigo de sala? A filha de oito ou nove anos diz que está namorando um colega de classe? Esses são alguns exemplos do cotidiano escolar que levam muitos pais a procurar a escola pedindo - muitas vezes exigindo - uma atitude em relação ao que já aconteceu e ao que poderia ainda acontecer nesse sentido. E, muitas vezes, a escola toma alguma atitude: em geral, chama para uma conversa o outro aluno envolvido ou a professora.

À primeira vista, essa desconfiança parece ter relação apenas com a escola que o filho freqüenta. Pois a questão vai bem além e diz respeito muito pouco à escola e bastante aos pais. Trata-se da manifestação de duas características dos pais do mundo contemporâneo. A primeira é a tentativa incessante de proteger o filho, e a segunda, a de tentar controlar a vida dele.

Uma das funções dos pais sempre foi a de proteger o filho. O bebê nasce prematuro em seu desenvolvimento e precisa constantemente de um adulto por perto para proteger sua vida - alimentar, saciar a sede, abrigar do tempo etc. Com o crescimento, tal proteção precisa ser ampliada, já que, com autonomia de locomoção, a criança pode se expor a situações de risco no meio em que vive porque não reconhece perigo externo e não se controla.

Tal proteção, é bom notar, tem por objetivo preservar a vida, e não apenas no seu sentido da existência física. Por isso, quando passa a ser excessiva, ou seja, quando impede o sujeito de passar por experiências que ele já tem potencial para enfrentar, a proteção anula as possibilidades de viver.

De modo geral, os pais têm tentado proteger os filhos do mundo como ele é e buscado fazer parecer que o mundo é quase como a família. Se certo palavrão não se fala em casa - pelo menos na frente dos filhos -, então o mundo não fala também - pelo menos não na frente dos filhos - e assim por diante.

Como a escola representa o mundo em sua diversidade e também introduz, pouco a pouco, seus alunos no mundo, é claro que lá eles vão ter contato com todo tipo de coisa, e não apenas com o conhecimento formalmente constituído. Ocorre que todas essas outras coisas, nem sempre construtivas, existem no mundo e, portanto, os mais novos precisam ser preparados para enfrentá-las. Por isso, se o filho chega em casa dizendo um novo palavrão que a família não quer que ele use, em vez de culpar a escola e pedir dela uma ação, muito mais educativo é deixar claro ao filho que a família não tolera tal palavrão e que, portanto, em casa ele não poderá usá-lo. É disso que o filho precisa: saber que, de tudo o que existe no mundo, nem tudo sua família aprova.

E o controle da vida dos filhos? Imaginar que o filho terá acesso apenas a coisas que os pais queiram ou aprovelem é, no mínimo, uma atitude ingênua, imatura e irresponsável diante das novas gerações. O telefone celular com GPS é, talvez, o ícone maior dos recursos que apontam para esse caminho. Quem controla não ensina a viver almejando a autonomia, não aceita a idéia de independência e não contempla o conceito de liberdade.

Pois é para esse norte que a educação aponta no futuro. Proteger o filho da escola e tentar controlar o mundo com o qual ele entra em contato exclui todas essas referências.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (ed. Publifolha)

@ - roselysayao@folhasp.com.br

(texto recebido de Lúcia pela lista Filosofia Espírita para crianças - www.edicoesgil.com.br)